



A HETERONORMATIVIDADE COMO MANTENEDORA DA VIOLÊNCIA CONTRA HOMOSSEXUAIS¹

Bruna dos Santos Evangelista² (PPGLEtras UNEMAT/Sinop)
brunabrayner@outlook.com

RESUMO: Este trabalho objetiva iniciar a discussão sobre o preconceito contra homossexuais. A pesquisa surgiu no âmbito da disciplina *Diversidade e Variação Linguística* ministrada no PPGLEtras da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Sinop, a qual tem o propósito de, entre outros, tratar de diferentes formas de preconceito. Buscamos discorrer sobre o preconceito e a violência contra homossexuais por meio da linguagem, uma vez que é por meio de situações de difusão da heteronormatividade que essas práticas se intensificam de maneiras implícita e explícita, culminando em marginalização, ignorância, perseguições e agressões que podem levar até a assassinatos. Os principais teóricos utilizados para a pesquisa bibliográfica foram Bernardet (2012), Mott (2006), Souza (2008) e Fanon (1968). Com relação à metodologia, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Selecionamos sete sujeitos de pesquisa, sendo seis homens e uma mulher, com idades entre 22 e 37 anos, todos com formação acadêmica concluída ou em andamento pela UNEMAT. Os resultados mostraram que a discussão, reflexão e atitudes contra a homofobia são urgentes e emergentes. Nesse contexto, as instituições de ensino são espaços privilegiados para que estas aconteçam, sendo, portanto, a melhor forma de combate à homofobia.

PALAVRAS-CHAVE: Heteronormatividade; Homofobia; violência verbal e/ou física.

ABSTRACT: This work aims to initiate a discussion about prejudice against homosexuals. This research has begun in the context of the subject *Diversity and Linguistic Variation* in Postgraduate Program in Languages from the Mato Grosso State University, Sinop *campus*, which is intended, among other objectives, to deal with different types of prejudice. We sought to talk about prejudice against homosexuals through language, once considered that situations in which heteronormativity is disseminated intensifies these practices in implicit and explicit ways, culminating in marginalization, ignorance, persecution and aggression that can lead to murders. The main theorists used in bibliographic research were Bernardet (2012), Mott (2006), Souza (2008) and Fanon (1968). The methodology included semi-structured interviews. We selected seven research subjects, six men and one woman, between the ages of 22 and 37, all with academic course completed or in progress by UNEMAT. The results showed that discussion, reflection and attitudes against homophobia are urgent and emerging. In this context, educational institutions are privileged spaces for these activities, being, therefore, the best form of combat to homophobia.

KEYWORDS: Heteronormativity; Homophobia; verbal and/or physical violence.

¹ Resultado da pesquisa realizada na disciplina de Diversidade e Variação Linguística, do PPGLEtras, pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT *campus* de Sinop.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Mestranda do PPGLEtras UNEMAT – *campus* de Sinop. E-mail: brunabrayner@outlook.com



INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como intento analisar o preconceito e a violência contra homossexuais, a pesquisa surgiu na disciplina de Diversidade e Variação Linguística, a qual objetivava dentre outras questões tratar das diferentes formas de preconceito. Considerando que a linguagem pode ser usada como uma forma de dominação e como demarcação de fronteiras sociais, observamos, em seu uso, as diferentes formas de poder, que levam á subjugação de determinados grupos minoritários.

Segundo Fanon (1968), os instrumentos de dominação utilizados em processos de colonização são diversos, contudo, é por meio da linguagem que a dominação, inferiorização e subjugação mais se vigoram. Nesse sentido, compreendemos a raiz do preconceito linguístico como um preconceito social e cultural. Bagno (2002), ao tratar da norma culta, afirma que não é difícil perceber que esta é reservada para poucas pessoas no Brasil, isto é, para a classe dominante. O que isso tem a ver com a questão da homofobia e os demais preconceitos disseminados no país?

Se acreditamos que existe correlação entre língua e sociedade, como afirma Labov (1972) apud Coan e Freitag (2010) sabemos que as práticas discursivas não ocorrem por acaso, não há neutralidade no discurso, seja ele de qual ordem for, pois tudo é ideológico, principalmente quando se utiliza a linguagem, desse modo, buscamos analisar de que forma o discurso homofóbico proferido na sociedade atual corrobora para a manutenção e intensificação da exclusão e violência contra os homossexuais.

A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, optou-se por essa abordagem, pois, segundo Triviños (1987), ela tem como característica questionamentos básicos relacionados a um determinado tema, que podem desencadear novos questionamentos e hipóteses, portanto, era o instrumento que mais se aproximava dos objetivos pretendidos, já que, permitiu uma interação dialética entre pesquisador e pesquisado.

Os principais teóricos utilizados para a pesquisa bibliográfica foram Bernardet (2012), Mott (2006), Souza (2008) e Fanon (1968). Com relação à metodologia,



selecionamos sete sujeitos de pesquisa, sendo seis homens e uma mulher, com idades entre 22 e 37 anos, todos com formação acadêmica concluída ou em andamento pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/ Campus de Sinop).

Os resultados mostraram que a discussão e reflexões sobre a homofobia são urgentes e emergentes, e as instituições de ensino são espaços privilegiados para que as mesmas aconteçam.

POR QUE DISCUTIR SOBRE HOMOFOBIA?

Desde os primórdios, em que a humanidade pretendia superar as adversidades a partir do domínio do fogo, conjecturava-se que os avanços tecnológicos fossem capazes de redefinir os rumos da história, no sentido lato, supostamente buscavam condições de vida melhores para toda a humanidade, se acreditarmos nisso, podemos afirmar que quanto mais a sociedade avança em termos de ciência, menos problemas sociais ela enfrenta.

No entanto, ao analisarmos as relações de poder que se estabelecem em cada sociedade, temos que considerar que em uma sociedade dividida em classes, as relações que se estabelecem são engendradas com o intuito de manter uma correlação binária entre sujeitos que seriam semelhantes entre si, porém que, dentro da estrutura capitalista, passam a ser díspares.

Essa é uma estratégia de manutenção de poder, que busca garantir os direitos/ privilégios da classe dominante, para que haja legitimação das práticas discriminatórias, que visam “manter a ordem”, no entanto, é necessário que instituições sejam criadas para reafirmarem a ideologia imposta, Althusser (1992) as denomina de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), instituições das quais a elite burguesa se utiliza para reproduzir sua ideologia excludente e desigual.

De acordo com este autor, apresentam-se como AIEs igrejas, família, poderes estatais, instituições de ensino, e outras que têm o poder de reproduzir os ideais



capitalistas e reprimir os sujeitos que não se adequam aos ditos padrões normativos. Desse modo, impõe-se através da educação, da religião e da cultura um padrão normativo social, desconsiderando-se as particularidades dos indivíduos, como se fôssemos uma sociedade homogênea.

Nesse sentido, compreendemos que vivemos um movimento histórico contraditório, os avanços tecnológicos e os processos denominados de globalização mostram uma sociedade supostamente evoluída, porém os progressos tecnológico e científico vêm acontecendo *pari passu* com o retrocesso ideológico.

Embora a sociedade contemporânea utilize termos como inclusão e globalização, as ações cotidianas têm sido cada vez mais excludentes e discriminatórias, dessa forma, observamos que apesar de grupos minoritários, como mulheres, negros e comunidade LGBT³, terem conquistado alguns direitos, ainda há uma polaridade grande em relação aos demais sujeitos sociais, portanto, tratar do preconceito contra esses grupos é uma questão cada vez mais urgente e emergente, tendo em vista que a violência à qual esses sujeitos estão expostos é uma prática cada vez mais recorrente.

Pynski (2012) em seu livro *as 12 faces do preconceito* afirma que “a escola é um lugar privilegiado para discutir a questão do preconceito e até para iniciar um trabalho com vistas a atenuar sua força” (p.7). Nesse ínterim, pensamos qual o papel da universidade em relação a essas questões, as instituições de ensino superior têm buscado romper com o preconceito e a discriminação, ou têm mantido uma postura de negação diante desses fatos?

Ao analisarmos as discussões que emergem em relação à homofobia, constatamos que há poucos trabalhos científicos produzidos e em geral não se debate sobre isso em espaços educacionais. Isso se dá pelo fato de que existe em primeiro lugar a negação, é necessário compreender que há um preconceito arraigado contra homossexuais e que deve ser debatido e combatido.

³ LGBT sigla que refere-se a diferentes orientações sexuais, Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, etc.

Pynski (2012) expõe também que ainda paira sob o imaginário popular que o Brasil é um país livre de preconceitos, “ilha de tolerância num mundo intolerante” (p.7), todavia, ele aponta por meio de experiências pessoais e profissionais, dos autores que compõem o livro, as diferentes formas de preconceito e discriminação que ocorrem na nação.

O preconceito e a própria discriminação (discriminação é o preconceito em ação) ganham terreno quando falamos da suposta inferioridade da mulher em relação ao homem, do velho com relação ao jovem, do índio com relação ao branco. (PYNISKI, 2012, p.7)

Portanto, é no discurso que o preconceito vigora, muitas vezes em forma de piadas depreciativas, que tendo caráter de brincadeira passam despercebidas por pessoas menos atentas. Há aqueles que insistem em negar o preconceito, afirmam, por exemplo, que uma piada com conotação homofóbica é vitimismo da parte da pessoa agredida, e, por conseguinte, as discussões cessam, pois se não existe preconceito, não há o que se debater.

Geralmente, crê-se que as práticas discursivas não são formas de preconceito, em contrapartida, toda fala preconceituosa se torna potencializadora da marginalização de sujeitos que não se enquadram nos padrões normativos impostos pela sociedade e que, portanto, na visão do preconceituoso, não são dignos de terem todos os seus direitos garantidos, tornando-se objetos de repúdio coletivo, como é o caso dos homossexuais.

As mudanças sociais que ocorreram no fim do século XX e início do XXI mostram que as identidades estão em crise (HALL, 2004), desse modo, a urgência em se debater questões referentes á sexualidade se tornam cada vez mais visíveis. A homossexualidade vem sendo tida como anormalidade ou patologia ao longo dos séculos e em diferentes sociedades, e embora os homossexuais tenham conquistado alguns direitos, há ainda uma lacuna entre o que está previsto por lei, isto é, o direito de conviver em igualdade, sem discriminação por razão da sua orientação sexual, e o que realmente é praticado no cotidiano.



Apesar de conquistas de grande repercussão na mídia (...) a aceitação da sociedade para com essas pessoas está muito aquém da necessária para falarmos de inclusão social plena. Gays, lésbicas e transgêneros, no Brasil, sofrem ainda uma série de discriminações sociais, judiciais, trabalhistas, religiosas, entre tantas teias que regem a complexa atitude de um ser humano para com outro com base em julgamentos morais que os classificam como uma aberração da natureza, na contramão dos princípios "normais" da sociedade e dos bons costumes (SOUZA, 2008, p. 24-25).

A fala de Souza elucida a realidade vivenciada pela maioria dos homossexuais no Brasil, eles têm seus direitos negados, e, quando há proteção da lei, raramente esta é cumprida. A autora discorre sobre a temática expondo ainda que os sujeitos que mantêm relações afetivas e/ou sexuais com pessoas do mesmo sexo são vistos pela sociedade como aberrações, para isso, tomam-se como base fundamentos religiosos e até mesmo científicos.

Negar a existência da homofobia é algo incongruente, as diferentes facetas do preconceito se evidenciam apenas pelo fato de vivermos em um país em que são criadas diversas leis para garantir o direito do outro, para muitas pessoas isso evidencia o ápice da civilização, no entanto, se fôssemos um país tão civilizado, não teríamos a necessidade de criarmos leis para isso, posto que, devemos respeitar o próximo pelo simples fato de ser humano.

Nesse ponto, vemos que a homofobia é um preconceito cruel e hediondo, pois, para a maioria dos homofóbicos, o homossexual não é um ser humano, portanto, não pode reivindicar os mesmos direitos, sendo assim, as práticas sociais que acompanhamos através da mídia apontam dados estarrecedores que mostram índices altíssimos de violência contra essas pessoas. Segundo o 2º Relatório sobre a violência homofóbica no Brasil do ano de 2013:

O Brasil vive atualmente um movimento paradigmático em relação aos direitos humanos da população de transexuais, travestis, lésbicas, bissexuais e gays - LGBT. Se por um lado conquistamos direitos historicamente resguardados por uma elite heteronormativa e aprofundamos o debate público sobre a existência de outras formas de ser e se relacionar, por outro assistimos a aterradora reação dessa



mesma elite em sua pretensão de perpetuar o alijamento desses sujeitos e seus afetos (BRASIL, 2013, p.9).

O relatório aponta que os casos de violação de direitos humanos vêm aumentando. As formas de preconceito e discriminação são diversas, mas todas têm a mesma finalidade, diminuir, depreciar e anular o sujeito discriminado. O homicídio é apenas uma das violências sofridas, porém há um cabedal de violações consideradas menores ou mais brandas, discriminações que revelam o poder da violência simbólica “e podem ser exercidas também pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destróem psicologicamente o outro” (BRASIL, 2013).

A necessidade de estabelecer um diálogo com vistas a atenuar as questões de proteção e direito da comunidade LGBT, requer metodologia e ferramentas que facilitem a comunicação entre os interessados, desse modo, a produção de um relatório com dados quantitativos e comparativos corrobora para dar visibilidade as discussões.

Compreender a história da homossexualidade é essencial para desmistificar algumas ideias que se tem a respeito do assunto, embora os dados do relatório apontem um número exorbitante de casos de abusos e violações contra a comunidade LGBT o fato de podermos debater sobre o tema demonstra um importante avanço, considerando que até pouco tempo no lugar da discussão oque existia era o silenciamento das vítimas.

Segundo o relatório violências psicológicas foram as mais reportadas, com 83,2 % do total de notificações, dentre os tipos de violência psicológica as mais denunciadas foram humilhações, hostilizações e ameaças, o que reafirma a ideia inicial de que é por meio da linguagem, nesse caso, marcas linguísticas que aparecem com recorrências nas falas de determinadas comunidades, que a homofobia se estabelece.

Quando nos propomos a discutir sobre homofobia, portanto, temos consciência de que a violência não atinge apenas os homossexuais, porém de forma direta ou indireta acaba atingindo a todos.

METODOLOGIA DA PESQUISA E APONTAMENTOS ANALÍTICOS

Para tratarmos da questão do preconceito contra homossexuais, nosso principal enfoque de pesquisa, entrevistamos sete indivíduos que se dispuseram a discorrer sobre um assunto tão delicado.

Os principais questionamentos foram, se a pessoa sofre ou já havia sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação devido a sua orientação sexual, se havia sofrido violência física ou verbal, qual foi a reação da família em relação a sua orientação, se há discussões sobre gênero e sexualidade na universidade e se ela/ele sofre ou já sofreu preconceito dentro da instituição.

Como optamos por entrevistas semiestruturadas, no decorrer dos diálogos surgiram novos questionamentos e relatos, selecionamos os trechos de algumas entrevistas, já que não é possível trazer todas as problemáticas e resultados para o corpo do texto. Identificamos os participantes por numeração, tendo sido entrevistados 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

Inicialmente questionamos se eles já haviam sofrido violência física ou verbal, e obtivemos as seguintes respostas:

Entrevistadora: Você já sofreu algum tipo de violência, agressão física ou verbal?

Entrevistado 1: Verbal sim. Física não.

Entrevistadora: Você já sofreu ou sofre preconceito por ser homossexual?

Entrevistado 1: Sim, são inúmeras situações, na verdade, eu acho que todo homossexual já passou por isso, eu desde criança sofro, o que hoje as pessoas costumam chamar de *bullying*, na minha época era “só tá brincando”, mas era na maldade, a gente sabe que era, fica colocando apelido, olha o viadinho ali, olha a mariquinha lá, a mulherzinha, e não sei o quê. E aí aqueles meninos que querem dar uma de mais macho ficam “hey, você quer dar pra mim” e na rua você passa e as pessoas ficam mexendo, ficam de piadinha, dando risada, riem, riem, e você vai fazer o que, né? Finge que não tá ouvindo e vai embora. (ENTREVISTADO 1, homem, 29 anos).

Segundo Bernardet (2012), desde a infância, quando os adultos percebem a orientação dos desejos sexuais e afetivos do jovem ou da jovem, começam uma campanha insidiosa, para tentarem fazer com que ela ou ele se encaixe nos padrões heteronormativos, essa é uma das formas mais cruéis do preconceito, pois o indivíduo pode ainda nem ter se dado conta de que sente atração por pessoas do mesmo sexo, mas pode já sentir o peso da repressão. Em geral, esse trabalho de tentar adaptar o sujeito se inicia no seio familiar e é transposto para a escola, visto como natural, pois toda a sociedade está habituada com a divisão sexual, os brinquedos e brincadeiras, por exemplo, as bonecas para as meninas, os carrinhos para os meninos, quando pais ou professores observam comportamentos que julgam inadequados para um menino, começam a insistir para que ele jogue futebol, pratique artes marciais, ou seja, faça atividades que, segundo a sociedade, são destinadas a pessoas do gênero masculino.

A escola, conforme afirma Pynski (2012), é um espaço privilegiado para discutir esse assunto, em razão de ser um dos locais onde mais se dissemina o preconceito. Na atualidade discute-se muito a questão do *bullying*, mencionada pelo entrevistado, há diferentes definições para o termo, porém, segundo Bernardes (2014), trata-se de violências repetidas e intencionais, que causam danos morais, psicológicos e muitas vezes físicos, aqueles que o praticam adquirem autoridade sobre as vítimas, geralmente por serem maiores, mais fortes ou por pertencerem a um grupo social privilegiado.

O entrevistado exemplifica, nesse contexto, que aqueles que “querem dar uma de mais macho” eram seus algozes, muitas vezes essas ações são tidas como brincadeiras, enquanto temos mesmo que de forma inconsciente indivíduos que têm a intenção de ferir, humilhar e desmoralizar o outro. A discussão sobre o *bullying* escolar é importante, porém, muitas vezes por meio das campanhas *antibullying* generalizam todos os tipos de preconceito, deixando-se de lado as discussões sobre gênero, sexualidade, diversidade sexual, racial e outras.

Dessa forma, é importante falar sobre a homofobia, porque se trata de um preconceito específico e que não se justifica, como afirma Souza:

(...) nada além da ignorância e do preconceito justifica tamanho ranço da sociedade, que insiste não só em discriminar e desprezar os direitos humanos, mas também em desconsiderar por completo os direitos sexuais e afetivos das pessoas (SOUZA, 2008, p.25).

Portanto, tratar a homofobia, apenas como *bullying*, muitas vezes é uma forma de silenciar a vítima. As pessoas no ambiente escolar não assumem que são preconceituosas, no entanto, é um ambiente marcado por práticas discriminatórias, como humilhações e agressões (BRASIL, 2004). As principais vítimas são negros e negras, homossexuais e pessoas de classe social mais baixa, e, quanto menos se discute sobre isso, mais a violência se perpetua, tomando aparência de normalidade.

Enfatiza-se também que as/os educadoras/es têm papel fundamental diante da exigência de ensinar valores sociais que possam contribuir para que as/os estudantes reflitam e discutam sobre a diversidade de pensamentos, posturas e condutas. No cotidiano da escola, o silêncio sobre alguns assuntos nada mais é que outra forma de difundir valores que impedem as/os estudantes de se sentirem mais seguras/os nesse ambiente (BRASIL, 2004, p.57).

Bernardet (2012) afirma que “os adultos tentam evitar a palavra que soa monstruosa para sua formação moral e religiosa: homossexualidade” (p.30), dessa forma, o homossexual na maioria das vezes sofre um preconceito velado, é uma piada, há o afastamento dos colegas de classe, pais que separam seus filhos de sujeitos com “comportamentos suspeitos”, professores que separam alunos ou alunas que passam muito tempo juntos/as etc.

Geralmente esse tipo de *bullying* homofóbico resulta em evasão escolar, depressão, problemas psicológicos e até mesmo em suicídio, e o próprio silenciamento é uma forma de preconceito, existe um primeiro silenciamento que é a fase da descoberta, quando os adultos se recusam a aceitar a orientação sexual do indivíduo e acreditam que, se a palavra aterrorizante não for dita, há chances de regeneração, como se estivéssemos tratando de uma patologia ou anormalidade, e o segundo silenciamento ocorre quando o sujeito passa a ser discriminado, muitos jovens sentem-se

envergonhados ou temerosos em revelar as situações que estão passando, ocultando até mesmo a violência física sofrida.

Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los’, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – a ausência da fala- aparece como uma espécie de garantia da ‘norma’ (LOURO, 1997, p. 67-68).

Essa mesma prática acontece em âmbito universitário, segundo os entrevistados. Seis dos sete entrevistados apontaram a escola como o ambiente em que sentiram/sentem mais rejeição, - para alguns deles a escola é atualmente, inclusive, espaço de trabalho - contudo, na universidade o preconceito é velado. Todos criticaram o fato de não haver discussões sobre homossexualidade em âmbito acadêmico.

Entrevistadora: Você já sofreu algum tipo de violência, agressão física ou verbal?

Entrevistado 2: Física ainda não, mas verbal sim, inclusive na universidade, quando tem que formar grupos, principalmente, os alunos evitam se aproximar da gente. Desde que eu ingressei na universidade não vi discussões a respeito disso, para a sociedade é melhor fingir que não existe homossexual, e olha que eu sempre busquei conhecer grupos de pesquisa e movimento estudantil, mas os assuntos LGBT nunca entram em pauta (ENTREVISTADO 2, homem, 22 anos).

Entrevistado 4: Sim, diariamente, nas ruas, no mercado, lojas, sempre tem aquelas pessoas que fazem aquelas piadinhas “olha o viado”, “olha a bicha”, “queima rosca” são algumas das frases que a gente ouve, né, ditas por algumas pessoas (...) Dentro da instituição tem sempre aquela risadinha, aquele olhar dos outros, mas há uma aceitação já, porque já são pessoas adultas, mas ainda tem rejeição por conta de alguns religiosos mais extremos, mas acho que dá pra relevar (ENTREVISTADO 4, homem, 24 anos).

Entrevistado 6: Nunca, primeiro eu sempre sou respeitado onde vou, converso com todos sem distinção, na minha turma tem pessoas que são preconceituosas, mas nem ligo, isso é um problema dela que é mal resolvida, sinto muito uma universidade do tamanho da UNEMAT e não trabalha esse ponto, aqui em Sinop falta uma diretoria pra assuntos LGBT (ENTREVISTADO 6, homem, 37 anos).

O silenciamento auxilia na manutenção dos estereótipos e estigmas, portanto, reiteramos a importância das ações políticas e educacionais, no sentido de desmistificar

a homossexualidade, para que possamos reprimir as práticas discriminatórias e não os discriminados, como vêm acontecendo no país. Ao invés de se aceitar a diversidade sexual, o que tem sido aceito é a discriminação, como podemos constatar na fala de um entrevistado:

Entrevistadora: Você já sofreu ou sofre preconceito por ser homossexual?

Entrevistado 3: Antes de me assumir como *gay*, homossexual, eu sofria sim, e eu não me aceitava, mas atualmente eu não percebo mais esse tipo de preconceito, porque pra mim já é normal. (ENTREVISTADO 3, homem, 25 anos).

É lamentável quando nos deparamos com declarações como essa, “pra mim já é normal”, isso pode significar que vivemos em uma sociedade doente, segundo Fanon (1968), o preconceito é uma patologia social, porém os sujeitos que difundem o preconceito e a segregação são tidos como normais, enquanto os que sofrem o preconceito são anormais, aberrações. Assim, o homossexual tenta se encaixar nos padrões sociais, ao perceber que é impossível, muitas vezes o indivíduo passa a aceitar as afrontas como se fossem naturais.

O relatório da violência homofóbica apresenta dados alarmantes, “Em 2012, foram registradas pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos” (BRASIL, 2013, p.18). Tendo em vista que muitos casos não são registrados, os números são muito superiores aos que vemos no relatório. Os entrevistados também denunciaram, ao longo das entrevistas, algumas agressões sofridas.

Entrevistadora: Você já sofreu ou sofre preconceito por ser homossexual?

Entrevistado 4: Sim, desde que o mundo é mundo, a gente sofre preconceito e isso não é uma condição nossa, mas até pra se aceitar homossexual, já sofremos um preconceito nosso mesmo por parte de nós mesmos, por se achar diferente dos outros rapazes ... Até aconteceu um episódio, que quando meu irmão descobriu, ele me ajoelhou, tirou toda minha roupa e me deu uma surra de fio, minhas costas são marcadas até hoje (ENTREVISTADO 4, homem, 24 anos).

Entrevistada 5: Sim. O tempo todo, quando as pessoas ficam sabendo, mudam o modo como me tratam. Principalmente verbal, mas a violência ela acontece de várias formas, geralmente é em forma de assédio, os homens veem uma mulher lésbica e acham que é falta de homem, é um pensamento cultural, daí é que surgem os estupros de correção, eu já estive em situações em festas, por exemplo, de ter homens se esfregando em mim, e olha que eu nem tenho uma beleza padrão, parece que é um tipo de fetiche pra eles, sabe? (ENTREVISTADA 5, mulher, 25 anos).

Entrevistado 6: Eu particularmente nunca, pois sempre impus o respeito, mas conheço muitas pessoas que já sofreram (ENTREVISTADO 6, , homem, 37 anos).

Entrevistado 7: Já. Nossa! Desde criança. Só que assim, nada muito aberto, muito explícito. Um preconceito velado, um teor na fala, tentando diminuir, tentando dizer que você é menos (ENTREVISTADO 7, homem, 23 anos).

Todos os entrevistados citaram situações em que vivenciaram a violência, embora alguns não tenham afirmado se tratar de um ato preconceituoso ou violento, o que mais chama a atenção, e foi recorrente nas falas deles, é que aqueles que não sofreram agressão física responderam “ainda não”, e alguns complementaram dizendo que sabem que podem sofrer a qualquer momento, por exemplo, “é o que a gente espera, né? A gente sabe que pode sofrer violência a qualquer momento, só pelo fato de ser gay” (Entrevistado 1, homem, 29 anos).

Por sua vez, a violência verbal predomina, infelizmente por falta de políticas públicas que visem a garantia dos direitos e proteção aos homossexuais. As notificações feitas nesta pesquisa são, como afirma Mott (2006), apenas a ponta do iceberg, há muitos outros casos, inclusive envolvendo crianças que são violadas, espancadas e assassinadas por apresentarem características consideradas homossexuais.

Vale também sublinhar que a violência homofóbica é cometida contra os indivíduos cuja orientação e/ou identidade de gênero presumidas não se conformam à heteronormatividade. Ou seja, são também recorrentes episódios contra sujeitos que, apesar de se autoidentificarem como heterossexuais, têm a eles atribuídas características que fazem com que os perpetradores das violências os classifiquem como LGBT (BRASIL, 2013, P.11).

Nos últimos anos a violência homofóbica tem se alastrado também nas redes sociais, garantindo a manutenção desse ciclo de violência. A própria mídia, ao noticiar os casos de homofobia, geralmente evidencia o posicionamento homofóbico do jornalista, que reflete as ideologias de um determinado grupo, as falas muitas vezes evidenciam o ódio irracional que predomina na sociedade, vale lembrar que não há neutralidade nos meios de comunicação.

É importante ressaltar que os próprios movimentos históricos que levaram a mudanças de sistemas econômicos nos revelam uma imprensa cada vez mais entrelaçada e comprometida com os eventos políticos/ideológicos. Assim, ao nos referirmos a posicionamentos ideológicos estamos nos referindo às representações (idéias e valores) que são adotadas pelos jornalistas em consonância, por exemplo, com os moldes ditados pela formação discursiva do discurso político predominante em cada empresa jornalística analisada, ou ainda, aos elementos discursivos que são disponibilizados pelos enunciadore-jornalistas na organização textual e que, de acordo com Marx e Engels, permitem abstrair “o laço entre sua crítica e seu próprio meio material”. (1965, p.14) (PHILIPPSEN, 2007, p.34).

O discurso político de cunho homofóbico sempre tomou conta do Brasil, e é aceito por grande parte da população, considera-se, ainda como no passado, que a homossexualidade é uma doença, uma perversão, portanto deve ser combatida. Ao analisarmos os discursos que vêm sendo gerados atualmente, poderíamos facilmente afirmar que se trata de um pensamento do século passado, pois, assim como houve diversas tentativas de regenerar os homossexuais ao longo dos séculos, ainda hoje em pleno século XXI, foi proposta pela comissão dos direitos humanos da Câmara dos Deputados a “cura gay”.

Em 2002 o deputado Jair Bolsonaro afirmou em entrevista para o mesmo jornal “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater” (*Folha de São Paulo*, 2002), depois que Fernando Henrique Cardoso posou com a bandeira LGBT. Bolsonaro acumula discursos polêmicos em relação aos homossexuais e às diversas minorias. O que nos assombra é o fato de se tratar de uma figura pública que influencia diretamente o pensamento da população em geral, esses indivíduos tendo não apenas o poder da linguagem detêm os meios de comunicação,



portanto, aos grupos minoritários, restam poucos espaços onde possam lutar pelos seus direitos.

Nesse sentido, as redes sociais são como uma faca de dois gumes, do mesmo modo que abrem espaço para que as pessoas destilem todos os seus pensamentos preconceituosos, pois existe uma segurança atrás da máquina, por outro lado, também podem ser um espaço de luta contra a hegemonia, utilizado para combater esses discursos de ódio.

Nesse contexto, a melhor forma de combate à homofobia é abrir espaços para discussões críticas e reflexivas, algo primordial em uma sociedade democrática, contudo, o que temos, atualmente e desde sempre, é um discurso unilateral, que anula o sujeito vitimado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impossível negar a existência da homofobia no Brasil, e “ficar alheia ou mesmo insensível, sem se incomodar com o que se vê e percebe, seria desprezar o sentimento do outro.” (SOUZA, 2008, p.13), ainda que indiretamente somos todos atingidos por esse ciclo de violência, que amedronta a comunidade LGBT.

O desafio está em uma educação que questione os padrões sociais, impostos como imutáveis e estáticos. É importante que haja uma formação que objetive mostrar que há múltiplos comportamentos sexuais e afetivos, e que devem ser respeitados. Negar a existência da homossexualidade, ou tentar anular os homossexuais, como se eles não fossem cidadãos, não fará com que eles deixem de existir ou mudem sua orientação sexual, apenas auxiliará na conservação de práticas discriminatórias, que podem culminar em crimes hediondos.

Diante dos relatos dos entrevistados, dos dados analisados nesta pesquisa e casos de homofobia expostos na mídia, é improvável que as pessoas possam manter a ideia de homossexualidade como opção sexual. Acompanhamos casos de homossexuais que são



espancados, queimados vivos, dentre outras formas de assassinatos brutais. Qual sujeito diante de tamanha atrocidade optaria por isso?

Os direitos humanos são inalienáveis e universais, “A Lei deve ser igual em tudo para todos; caso contrário, voltamos à barbárie, em que negros, mulheres, judeus, homossexuais eram tratados como criaturas de segunda categoria “(MOTT, 2006, p.516). O medo, a aversão, o repúdio contra homossexuais revelam um comportamento doentio por parte do homofóbico e não do homossexual.

Esse trabalho não teve a intenção de se aprofundar em um tema tão complexo, mas de mostrar a importância de se falar sobre isso, o que já é o primeiro passo para a desconstrução de uma ideologia esmagadora, pois, segundo Fanon (1968, p.86), “cumprir educar a consciência dos jovens, esclarecê-la”.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro. Edições: Graal, 1992.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições, Loyola, 2002.

BERNARDES, Naldo Manuel da Silva. **Bullying em contexto escolar: Do diagnóstico à prevenção**. Coimbra. Faculdade de economia. Dissertação de mestrado. 2014.

BERNARDET, Jean- Claude. **Homossexuais: Ser ou não ser é a questão** In. **As 12 do preconceito**. Pinsky, Jaime (org) 11 ed. São Paulo. Contexto, 2012.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Programa Brasil Sem Homofobia** – Programa Brasileiro de Combate à Violência e à Discriminação contra Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais, e de Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília, 2004.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. Ministério da Justiça e Cidadania (SDH/ PR) **2º Relatório sobre a violência homofóbica no Brasil ano de 2012**. Recuperado em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012> Acesso em 21 de fev. de 2017.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística variacionista: Pressupostos teóricos- metodológicos e propostas de ensino**. Domínios de linguagem. Revista Eletrônica de Linguística. [Http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem](http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem)) Volume 4, - nº 2 – 2º Semestre 2010 - ISSN 1980-5799 Acesso em 27 de jan. de 2014.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Tradução de José Laurênio de Melo.



Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1968.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LOURO, Gracira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOTT, Luiz. Homoafetividade e direitos humanos. **Revista Estudos Feministas**, 14(2), 509-521, 2006. Recuperado de <http://www.scielo.br>. Acesso em 24 de jan. de 2017.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. **Mídia impressa e heterogeneidade: polêmicas da esfera da atividade madeireira no espaço discursivo da Amazônia Legal**. Dissertação de Mestrado. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2007.

PINSKY, J. (Org.) **12 faces do preconceito**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, Isabela Augusta Andrade. **O preconceito nosso de cada dia: um estudo sobre as práticas discursivas no cotidiano**. São Paulo, PUC. Tese de doutorado. 2008.

SUWWAN, Leila - Apoio de FHC à união gay causa protestos - 2002 - <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1905200210.htm> - 25/01/2017 20:49:22

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. - **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

Recebido Para Publicação em 30 de abril de 2017.

Aprovado Para Publicação em 13 de junho de 2017.